

# MULHERES E LUTAS EM TRÊS ROMANCES DE CARMEN DE FIGUEIREDO

Aldinida MEDEIROS\*

- **RESUMO:** Este artigo é um estudo breve sobre três romances de Carmen de Figueiredo: *Famintos* (1950), *Vinte anos de manicômio* (1951) e *Uma vida de mulher* (1950). O intento é mostrar que a autora, a qual teve dois romances censurados pela PIDE, trazia em seus enredos questões relacionadas à sexualidade da mulher que dialogavam com a liberdade e igualdade de direitos almejadas nas lides feministas. Justificamos nossa escolha do *corpus* por acreditarmos que Carmen de Figueiredo ultrapassava os aspetos e características da estética Neorrealista ao elaborar perfis femininos que rompiam com os mais típicos da época. A sexualidade feminina, a mulher frente às dificuldades de inserção no mercado de trabalho, o comodismo autoritário dos homens sobrepondo-se sempre ao prazer feminino são alguns dos temas de suas obras. A romancista não apenas se inscreveu como uma autora que dialogou intelectualmente com as reivindicações e pautas dos grupos feministas, como conseguiu, também, fazer seus romances circularem e suscitarem alguns debates. A pesquisa ora apresentada utiliza, para respaldo teórico e crítico, Gayatri Spivak (2010), Antônio de Pádua Dias Silva (2011), Manuela Tavares (2011), Ana Bárbara Pedrosa (2022), Ana Flávia Oliveira, dentre outros.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Questões de Gênero. Condição da mulher. Carmen de Figueiredo. Representações femininas. Romance neorrealista.

*Eu estava quase a completar dezessete anos. Atingira a plenitude do raciocínio, sabia comandar os pensamentos. Nada me confundia. A luta sustentada dentro da nossa casa, só essa luta, ensinara-me a tudo compreender.*

Carmen de Figueiredo (s.d., p. 57).

---

\* UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades – Departamento de Letras – PPGLI - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade – Campina Grande – PB – Brasil. 58.429-570 – aldinida@servidor.uepb.edu.br.

## Introdução

Ainda pouco conhecida e estudada na literatura portuguesa, Carmen de Figueiredo vem, gradativamente, alcançando mais espaço dentro e fora da Academia. Seus romances ainda não recebem a devida atenção da crítica, mas já figuram alguns ensaios e pesquisas sobre alguns deles.

Este artigo é uma leitura de três dos seus romances e intenciona mostrar algumas das pautas feministas, sobremaneira o pensamento crítico e reativo aos dogmas familiares do patriarcado e as questões ligadas à sexualidade feminina, as quais aparecem nos enredos, marcando a fala ou a postura de algumas personagens. Identificamos, ao ler os três romances, traços que apontam marcadas diferenças em relação a outros romances escritos à época. Por meio dos estudos da crítica feminista, compreendemos que muitas autoras, como a deste corpus, traziam, sim, elementos com base nas reivindicações feministas, permitindo uma desconstrução do perfil de fragilidade e submissão da mulher muito comum no romance. Assim, a caracterização destas personagens configura-as mais ativas e ativas, transgredindo limites e imposições do patriarcado que levou a PIDE a censurar algumas obras.

Acreditamos que, embora a imprensa portuguesa da época tenha noticiado algumas notas sobre a literatura de Carmen de Figueiredo, ela não recebeu, por parte da crítica literária contemporânea a devida atenção. Basta para isso procurarmos em alguns dos volumes de História da Literatura Portuguesa para vermos que seu nome não teve sequer uma parte da importância que receberam vários ficcionistas do Neorealismo. Fala-se muito em Alves Redol, Fernando Namora, Abel Botelho, dentre outros, mas os críticos e os historiadores, de um modo geral, não atribuíram o lugar merecido por esta escritora.

### **Carmen de Figueiredo: do *Real e do Fantástico* de seu mundo**

Descendente de portugueses e brasileiros – neta de índia e filha de pai brasileiro, a romancista em estudo pertence a um grupo de mulheres escritoras que tiveram pouquíssima visibilidade e reconhecimento no que diz respeito às suas obras literárias. É verdade que para o período em que viveu, alcançou uma certa notabilidade. Mas não assentou, na literatura portuguesa, o devido lugar.

Conforme ela nos faz saber, aos treze anos:

era já a ‘secretária’ de meu Pai. Lia toda a correspondência. Lia os jornais, as Revistas e os pesados Catálogos, que pareciam figurinos e chegavam, alguns de Cidadesde Países distantes. Respondia às cartas. Meu pai ditava essas respostas com uma tristeza que se ia agravando (Figueiredo, 1997, p. 27).

Esta informação é a propósito de contar sobre como se inicia sua admiração por Paris e pelas coisas da França, como o presente que lhe dera seu pai: sua primeira

*écharpe*; aconteceu quando tomou conhecimento por meio de postais da cidade de Paris, a partir da correspondência comercial de seu pai. Revela-nos este fragmento que as leituras são, desde cedo, importante força motriz para sua vivaz e destemida alma. Para mais, revela-nos a importância do pai em sua vida.

Adulta, realiza um péssimo casamento o qual, pela sua narrativa, compreendemos tratar-se de um amigo dos seus irmãos. Pelas descrições, sofreu intensa violência doméstica: “O homem embriagado derrubava cadeiras, quebrava jarras, dava pontapés nas portas, preparando-se para o ataque frontal, com frases raivosas a saltarem-lhe da boca a espumar” (Figueiredo, 1997, p. 124). O marido não satisfeito em lhe bate, humilhava-a, porém, era bem aceito na família, o que dificultava a vida da escritora. Foi um longo padecimento, um “caminho de calvário”, lembrando já o título de seu primeiro romance.

Voltando à pouca visibilidade de sua vasta obra, Carmen de Figueiredo não foge à situação de muitas outras escritoras em Portugal. Algumas até tiveram boa aceitação de público e repetidas edições, como o exemplo de Sara Beirão. Contudo, muitas são as contistas, romancistas e poetas que muito produziram e sobre as quais pouco se sabe, ou delas pouca literatura se leu. Sob um véu de invisibilidade editorial, não chegaram a fazer parte do cânone literário.

Nos fins dos anos de 1940, ainda sob a vigência do Estado Novo, Carmen inicia sua produção literária com as publicações de *Ele não é meu marido* (livro de contos), de 1948, e *Caminho do Calvário* (romance), de 1949. No ano seguinte, dois de seus romances são censurados pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE): *Famintos* (1950) e *Vinte anos de manicômio* (1951). Provavelmente, segundo Ana Bárbara Pedrosa, “autora foi censurada pela inclusão, na estrutura das narrativas, de descrições sexuais” (2019, p. 124), fato este que foi comum a muitas e muitos escritores neste período do Estado de exceção.

Mais tarde, já conhecida do público e com seu lugar assegurado na imprensa e na literatura portuguesas, ela se pronuncia:

Em entrevista ao *Diário de Lisboa*, fala de algumas questões relacionadas à sua escrita. Mas, aqui destacamos que ela “já escrevia (dezenas e dezenas de poesias) desde os 10 anos. Depois, pelos 15, deixou-se apaixonar pela pintura – para voltar aos primeiros amores e deixar-se arrebatar definitivamente nas asas da literatura (sem fantasia)” (*Diário de Lisboa*, s.p.). Apesar do tom de romantização das palavras, ressaltamos a precocidade de uma escritora que nasceu em uma época em que ainda não existia uma perspectiva de vida profissional para as mulheres (Oliveira, 2022, p. 23).

Soma-se a isto o fato de, no cerne da questão, as mulheres estavam a lutar pelo fim das imposições oriundas do sistema patriarcal que as subjugava e as diminuía na vida privada, como também em todos os estratos públicos. Parafraseando João

Esteves (2001), a tentativa de ver a inversão desse quadro reuniu mulheres que questionavam os argumentos usados para legitimar a subordinação da mulher ao homem, como também almejavam atuar de modo a intervir socialmente de acordo com suas capacidades.

### ***Vinte anos de manicômio e Famintos: a carreira em ascensão e a consolidação na vida literária***

O primeiro romance de Carmen de Figueiredo a ser censurado foi *Famintos*. A seguir a este, veio a censura a *Vinte Anos de Manicômio*, publicado em 1951.

Como já é de conhecimento dos estudiosos da literatura portuguesa, o Estado Novo entrou em vigor em 1933 e durou até o 25 de Abril de 1974. Foram mais de quatro décadas do século XX de retrocesso na democracia, na cultura e na sociedade de um modo geral. Nesse quadro, António de Oliveira Salazar e Marcello Caetano se destacam, visto que assumiram o cargo mais alto no regime ditatorial. Não tardou, para que a censura implantasse as suas corrosivas “mãos de tesoura”. Ana Bárbara Pedrosa assim afirma: “[...] vários censores literários não contestavam exactamente os conteúdos das obras, mas antes as suas autorias: como aconteceu com Maria Archer, Carmen de Figueiredo e Maria Teresa Horta [...]” (2019, p. 118).

Como as ditaduras falam em nome de uma moral conservadora e de ideologias religiosas de carácter patriarcal, pregar a moral e os bons costumes em detrimento da preservação de instituições valiosas para o Estado é um dos maiores lemas. Nesse cenário, cabe-nos destacar a censura direcionada às produções literárias que não se enquadravam nos parâmetros estabelecidos pelo regime, seja pelo seu conteúdo, seja pela sua autoria. Se numa sociedade em regime democrático já não se reconhecia a mulher como um sujeito com e direitos iguais, até porque não os tinha, num regime ditatorial como foi o Estado Novo, os direitos eram controlados para atenderem apenas aos fins governamentais do sistema repressor.

Sabemos que a repressão à sexualidade feminina, milenar e estrutural em muitas culturas, produziu um silenciamento nas obras literárias sobre o tema. A mulher ficou estigmatizada nas representações literárias, principalmente a partir do século XVIII, como o anjo o lar ou como a bruxa, a Eva pecadora. Resultante disto, as representações literárias não apenas reproduziam estes perfis estereotipados, como reforçaram uma imagem engessada do sujeito feminino como sujeito subalterno. Ora, “se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero” (Spivak, 2010, p. 14-15).

Carmem de Figueiredo confere às mulheres desse romance uma subjetividade, dotadas de desejos, destinados ao homem, em alguns casos, o papel de ser compassivo. Atentando para esta questão, lembramos, ainda, que publicados em pleno regime ditatorial português, os romances de Carmen de Figueiredo

incomodavam às autoridades e suas bases paradigmáticas da sociedade classista e patriarcal; bases estas que acentuavam mais todas as “pragas” contra os direitos de igualdade garantidos, mas não respeitados, na constituição portuguesa de 1933.

Ana Flávia Oliveira observa que,

Possivelmente existem outras produções de escritoras que, assim como Carmen de Figueiredo, questionam os papéis de gênero, no entanto, o fato de em Portugal, até meados da segunda metade do século XX, haver a presença de um cânone literário conservador e a ausência de uma crítica feminista atuante o suficiente para, naquele período, ter conquistado os espaços que se buscava também contribuiu para o desaparecimento dos nomes das escritoras e de muitas mulheres dos anais da História e da Literatura (Oliveira, 2022, p. 62-63).

Levando em consideração as narrativas em estudo, a autora contempla o modo de vida das mulheres com as lutas enfrentadas no cotidiano. Tal aspecto está consoante com os estudos sobre a autoria feminina, posto que, para o reconhecimento da autoria feminina e a demarcação de um lugar na literatura algumas rupturas foram necessárias, notadamente as de ordem social, pois, bem sabemos, que a mulher era considerada “[...] o outro, o excluído, o estranho [...]” que quer penetrar no ‘sério’ mundo acadêmico ou literário [...]” (Lobo, 1999, p. 5 *apud* Zolin, 2009b, p. 327). Esta posição gerou muitas discussões, pois os defensores do cânone literário constituído não ficaram satisfeitos, de início, com as mudanças e quebras de paradigmas. Diante disso,

[...] vale salientar a importância de ser uma mulher a escrever sobre sexo, pois, se o próprio tema já era tabu em uma sociedade de dominação masculina, não se concebia ser esta temática abordado por uma mulher. Nesse sentido, Carmem não só transgredia os ideais patriarcais, como também, toda uma ideologia de gênero que repreendia qualquer manifestação feminina ao falar explicitamente de sexo em romances (Oliveira; Medeiros, 2023, p. 3).

Em *Famintos* (1950), o enredo é desenvolvido em volta do personagem António Luíz, casado com Ana Lúcia, filha de D. Lídia. O casal são os pais das gêmeas Maria Tereza e Manuela. Integram também essa história, a ama Felipa, a qual amamentou as gêmeas quando crianças, em virtude de Ana Lúcia ter sido acometida por uma crise de demência após o parto; Cristina, irmã de Antónia, que participou ativamente da criação das meninas. O romance apresenta ainda, entre outros aspectos, as paixões proibidas de Manuela por Maria Tereza; do tio padre, Rodrigo, irmão de António, por Manuela e, de Felipa por Manuel Tendeiro.

Assim, temos as descrições dos encontros amorosos entre Felipa de Manuel Tendeiro em que a mulher “logo se entregava inteira e nua, numa onda forte e

ardente de estrangulador desejo. Era a fêmea, na revelação total do seu extinto sexual exacerbado por longos anos de àsp<sup>1</sup>er<sup>1</sup>a renúncia. Tudo esquecia.” (Figueiredo, 1950, p. 84). Além desta linguagem classificada como, no mínimo, obscena, o trecho descrito traz outro motivo de escândalo: Manuel Tendeiro ser um homem casado e cheio de filhos. Quanto a ela, viúva, com um filho já adulto e por “fazer parte” de uma família respeitada, visto que era considerada como mães das gêmeas por ter amamentado e cuidado das irmãs da infância até a vida adulta, deveria manter uma postura adequada perante a sociedade, uma vez que mulheres que se envolve afetivamente com homens casados são condenadas de mal caráter. Postura esta que, consoante Ferreira (1996), teria por objetivo conservar os papéis de esposas e de mães sem pôr em perigo a sagrada instituição da família, que seria esse o desejo da sociedade da época.

Lembramos que não eram muitos os nomes de escritoras a tratarem de temas tabus. Sobretudo porque a pecha que lhes recaía era a de mensageiras de imoralidades. Por conseguinte, são pouco conhecidas, quase nada estudadas e menos ainda valorizadas pelos leitores portugueses. Diante disso, o estudo de Oliveira nos traz explicações importantes para compreendermos, por associação, outras obras da romancista aqui discutida, quando se trata de demonstrar a qualidade e valor de seus textos literários:

Carmen de Figueiredo, igualmente, assemelha-se a esses nomes no que diz respeito à integração, por característica da escrita, ao movimento literário no qual está situada a sua obra e a sua atuação enquanto escritora. Percebemos que ela possui uma literatura com possibilidades [...] de situar-se na estética literária da época, ou mesmo no cânone, pois compreendemos que há nos escritos da romancista, em *Famintos...*, mais especificamente, o compromisso social assumido pelo movimento Neorrealista. O qual “não podia deixar de envolver uma atenção considerável relativamente aos elementos humanos que povoam o universo da ficção, encarados como meio de demonstração de um empenhamento e solidariedade activa” (Reis, 1983, p. 150 *apud* Oliveira, 2022, p. 63-64).

No entanto, ela recupera muitos aspectos do Realismo e, é nessa perspectiva que, também, nos deparamos com os aspectos de subversão na narrativa aqui apresentada.

Sobre *Vinte anos de manicómio* é possível perceber que, para cada personagem feminina corresponde a um tipo de perfil de mulher bem demarcado. Ela retrata, por exemplo, Lídia como boa filha, mãe omissa, doente e recatada. A professora

---

<sup>1</sup> Mantivemos a grafia original da obra.

Manuela como promíscua, um mau exemplo. Dona Luíza, a dona da pensão, como uma mulher que se vendia. Lourdes como leviana, desvairada, adúltera, má mãe. Maria Angela como alguém resgatada da má influência, medrosa. Judith Mistral, a suposta espiã, como misteriosa, desejada, assassina. Cristina, que se torna sogra de Maria Angela, é retratada como recatada, esposa exemplo e boa mãe. E a mãe de João Lúcio como santa, realmente de uma forma divina.

É possível inferimos sobre este conjunto que a escritora desejava explorar vários aspectos da personalidade feminina. Todavia, a atenção maior recai sobre a personagem Lourdes, visto ser esta que mais se afasta do estereótipo de mulher esperado para a sociedade da época. Dessa forma, temos em Lourdes um exemplo de representação que não age em conformidade com as convenções. Descrita pela autora como leviana, desvairada e adúltera, desde criança transita por ambientes que favorecem o despertar de sua sexualidade. Para a narradora, a sexualidade é inerente à natureza de Lourdes, conforme relata no início do romance,

Lourdes era demasiado ladina para os seus novo anos incompletos. Aparte os momentos de tocante ingenuidade, em que embalava com doçuras infinitas a horrível boneca de trapos, Lourdes apresentava já no rosto fresco, a nódoa vermelha que não engana. E, se bem que a puberdade devesse estar longe, no seu poito de criança, desenhava-se já, nítidos e altivos, os dois botões de carne prometedores dum seio perturbante – altar de promessas numa catedral de paixões (Figueiredo, 1951, p. 43-44).

Levando em conta o trecho citado, podemos considerar a existência daquilo que Oliveira (2022) trata como um aspecto de subversão na escrita de Carmen de Figueiredo. Aspeto este presente em outras ficções da autora. Em *Vinte anos de manicómio!* trata-se de a escritora retratar aspectos da sexualidade de uma criança de forma erotizada. Com a mudança dos pais para Lisboa, a menina permaneceu na aldeia, por uma temporada com a professora Manuela. “Lourdes, apesar da sua pouca idade, era diariamente iniciada por ela, nos segredos perigosos dos palpitações anseios da sua carne de fêmea desejosa e pervertida” (Figueiredo, 1951, p. 51). Promíscua, Manuela faz de Lourdes a portadora dos recados que envia ao colega de trabalho, homem casado com quem mantinha um relacionamento amoroso.

Há, portanto, em *Vinte anos de manicómio*, uma escrita desautorizada, uma vez que, contraria normas e padrões de comportamento da época, pois não apresenta os temas “ideais” para a sociedade vigente que não reconhece na mulher um indivíduo dotado de direitos e a considera inferior ao homem. As temáticas abordadas por Figueiredo já nos direcionam para uma escrita subversiva, uma vez que perturba a ordem estabelecida, recusa e transgrede a estrutura patriarcal da família. Ademais, trata-se de uma mulher a escrever sobre sexo, termo que por si só já era tabu em uma sociedade regida por valores masculinos. Nesse sentido, a romancista

não apenas viola os ideais patriarcais, como também toda uma ideologia de gênero que repreendia qualquer manifestação feminina ao falar sobre sexo, especialmente, de forma tão explícita.

No que se refere às mulheres retratadas no romance, Carmen de Figueiredo confere-lhes uma subjetividade, dotada de desejos, com sexualidade aflorada deixando transparecer um certo tom de erotismo.

### **Uma família matriarcal: a jornada e o amadurecimento de Alexandra**

O romance *Uma vida de mulher* tem como protagonista Alexandra, uma mocinha que tem os estudos interrompidos pela fatalidade da morte do pai, o qual deixa a família em condições financeiras precárias. Interna em um colégio de freiras numa cidade maior, ela tem de voltar a viver em sua vila natal e sofre com isso, pois seus sonhos de uma formação colegial completa, com as aulas de desenho que tanto gostava, e seu convívio com as internas foram interrompidos.

O enredo tem início trazendo já uma forte lembrança que ela tem de, ainda criança, ter encontrado sua boneca de porcelana com a cabeça quebrada pelo seu irmão. Metáfora que pode significar que desde cedo o masculino tolda ou destrói os sonhos femininos? Possivelmente. Para além disso, está bem visível na narrativa a coragem, o discernimento e a resiliência feminina, distribuídas nas três personagens: Alexandra, sua mãe e sua avó.

Trata-se, portanto, de um núcleo familiar com características de um matriarcado. O único irmão da protagonista não recebe nenhum atributo que se equivalha aos das mulheres. O casamento é, inclusive tratado de maneira diferente, pois no caso de Alexandra é um complemento que acontece naturalmente decorrente de sua jornada de batalhas. No que concerne ao irmão, é o casamento dele quem o sustenta, por meio do casamento, vive quase às custas do sogro e torna-se uma espécie de peso morto para a esposa.

A difícil jornada de Alexandra começa quando sua mãe, ainda enlutada pela morte do marido, transmite-lhe a sentença de que não mais voltará ao colégio:

Tens de responder-lhes; infelizmente não Voltarás ao Colégio... Irei lá eu qualquer dia, falar com a directora... O garfo caiu-me dos dedos e eu rompi a soluçar baixinho (no entanto, meses antes, desejava não voltar). [...] - Tem de ser, minha filha. Mais tarde compreenderás. Agora, o ordenado fixo que teu pai recebia da casa de máquinas, já não vem. Ainda era alguma coisa. Temos de cortar muitas despesas... Dormi mal aquela noite. As palavras da mãe caíram todas, como gotas de lume, dentro da minha alma de adolescente atormentada. Nunca mais as esqueci (Figueiredo, s.d., p. 39-40).



A vida, a seguir, é uma sequência de desafios. As três mulheres da família, unidas, vão, gradativamente, encontrando soluções e superando-as. Pontes (2023, p. 20) assegura que a protagonista,

mostra-se como uma mulher que travou, em seu caminhar, combates insólitos em um meio social que lhe enxergava como incapaz de alçar grandes voos.

Indo de encontro aos paradigmas do meio social, Alexandra, desde sempre, assumiu a postura de uma mulher que desejava alçar grandes voos. Sua postura dialoga com o comportamento assumido por mulheres atuais que almejam ser bem-sucedidas em uma carreira que não se limita à de esposa e mãe.

Arrendam uma parte da terra, visto que não a conseguiriam cultivar na totalidade. Tomam dinheiro emprestado, vendem grande parte da terra depois. Alexandra, mesmo sem completar a formação, continua a praticar o desenho e começa a dar aulas a mocinhas mais jovens. Costuram; a mãe e a avó tecem bordados que Alexandra leva para vender na cidade. E assim como tecem os bordados, vão tecendo uma jornada de lutas femininas, sobretudo para ganhar o pão de cada dia, tarefa que caberia ao irmão, tal como os costumes e valores da época, visto que se tornara, após o falecimento do pai, o homem da casa. Mas na narrativa de Alexandra, protagonista e narradora, o irmão é um homem fraco, isto nos apercebemos neste trecho de diálogo:

Foi a um garrafão pequeno, por sinal mal empalhado e virou-o. Um copo dos de Vinho, meio de aguardente. Emborcou-o dum trago. Ouvi gorgolejar, goelas abaixo.

A vertigem senti-a eu. Pavoroso.

- Bebes assim aguardente?

- É para enrijar.

Deixei-o, vivamente impressionada.

O José continuava a beber. Bebia cada vez mais. Intoxicado. Por isso não

Vingariam os filhos? Terrível. Mas como herdara ele aquela tara? De quem? A Guida acompanhou-me. Não tivera uma palavra de reprovação para o gesto do marido. Submissa. Estonteada. Não era mulher para o José. Aceitava-o quando devia ampará-lo, ser um pulso forte que até o dominasse em certas situações (Figueiredo, s.d., p. 107).

Em criança, o José era traquinas. Adolescente, era mais para um mandrião. Adulto, não vingou como homem de trabalho e dono de casa. Há em alguns dos romances de Carmen, ao que nos apreça, uma gradação na elaboração de persona-

gens masculinos que vai do homem chamado fracote ao malvado, aproveitador e agressivo.

Ao longo de *Uma vida de mulher*, o comando das ações é sempre de iniciativa das três mulheres da casa. Classifico-as como a coragem e paciência da avó, a resiliência e esforço da mãe e, por fim, a tenacidade, força e superação por meio do amadurecimento de Alexandra: “Na minha alma ia a música duma ideia longamente acariciada. Eu confiava em mim. A avó ensinara-me a confiar”. (Figueiredo, [s.d.], p. 57).

### Considerações finais

Discutir aspectos importantes como os presentes na obra de Carmen de Figueiredo, tais como os poucos aqui apresentados, nos romances *Vinte anos de Manicômio*, *Famintos* e *Uma vida de mulher* nos proporciona uma realização em vários sentidos: primeiro no de conhecermos, lermos e fruirmos obras que trazem temáticas diversas da vida humana, dos sentimentos e cotidianos destas vidas.

São características encontradas também em outros livros. Por exemplo, em *Muro de Cristal* observamos a presença do desejo das personagens silenciadas por motivos variados. O descompasso de sentimentos é vivenciado por um lado por Cristiana, e por outro, Edite, ficando ao meio Ricardo, que ama incondicionalmente Edite. Os sentimentos, nos romances de Carmen de Figueiredo não nos parecem profundos, alguns lembram mais caprichos do desatino humano frente às paixões. É o caso do qual padece Ricardo. Mesmo vivendo situações difíceis, Ricardo escolhe continuar dentro dos padrões sociais por aparência. Aqui também a narrativa apresenta as mulheres em um papel de destaque, algumas ainda a mostrarem o modelo vigente; outras destoando e apresentando comportamentos transgressores.

Retomando os romances em estudo, do pouco que aqui se discutiu, ficamos com a certeza que, embora não acenasse com a bandeira do feminismo em mãos, a postura e a vida de Carmen de Figueiredo se refletem em seus escritos, mostrando que a autora estava em completo diálogo com as pautas feministas e a necessidade de reivindicar o espaço e os direitos da mulher na sociedade portuguesa de sua época.

MEDEIROS, A. Women and fights in three novels by Carmen de Figueiredo. *Itinerários*, Araraquara, n. 59, v. 2, p. 83-95, jul./dez. 2024.

■ **ABSTRACT:** *This article is a brief study of three novels by Carmen de Figueiredo: Famintos (1950), Vinte anos de manicômio (1951) and Uma vida de Mulher (1950). The intention is to show that the author, who had two novels censored by PIDE, brought in her plots issues related to women's sexuality that dialogued with the freedom and equal rights sought in feminist work. We justify our choice of corpus by believing*

*that Carmen de Figueiredo went beyond the aspects and characteristics of Neorealist aesthetics by creating female profiles that broke with the most typical of the time. Female sexuality, women facing the difficulties of entering the job market, the authoritarian self-indulgence of men always taking precedence over female pleasure are some of the themes of her works. The novelist not only registered herself as an author who intellectually dialogued with the demands and agendas of feminist groups, but she also managed to make her novels circulate and spark some debates. The research presented here uses, for theoretical and critical support, Gayatri Spivak (2010), Antônio de Pádua Dias Silva (2011), Manuela Tavares (2011), Ana Bárbara Pedrosa (2022), Ana Flávia Oliveira, among others.*

■ **KEYWORDS:** *Gender Issues. Woman's condition. Carmen de Figueiredo. Female representations. Neorealist novel.*

## REFERÊNCIAS

### LIVRO:

FIGUEIREDO, Carmen de. **Famintos...** . Porto: Domingos Barreiro, 1950. (Coleção Portuguesa de Domingos Barreiro, n. 64).

FIGUEIREDO, Carmen de. **Jornal de uma escritora realista: do real e do fantástico.** Lisboa: Edição da autora, 1997.

FIGUEIREDO, Carmen de. **O Muro de Cristal**, Romance. Lisboa: Editora Século, 1958.

FIGUEIREDO, Carmen de. **Vinte anos de manicómio!** Lisboa: empresa literária universal, 1951.

FIGUEIREDO, Carmen de. **Vida de mulher.** Lisboa: Livrolândia, [s.d.].

FLORES, Conceição; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares. **Dicionário de Escritoras Portuguesas:** das origens à atualidade. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2009.

LOPES, João Teixeira. *Elas: percursos “inesperados” de jovens mulheres das classes populares*”. Lisboa: Tinta da China, 2019.

### CAPÍTULO DE LIVRO:

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *A diferença na autoria feminina contemporânea.* In.: ZOLIN, Lúcia Osana; Gomes, Carlos Magno (Orgs.). **Deslocamentos da escritora brasileira.** Maringá: Ed. Eduem, 2011. p. 231-245.

TAVARES, Manuela. **Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)**. Alfragide – Portugal: Texto Editores: 2011.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12166>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4. ed. rev. ampl. Maringá: EDUEM, 2019b. p.319-330.

MAGALHÃES, Isabel Alegro de. O sexo dos textos: traços de ficção narrativa de autoria feminina. In.: **O sexo dos textos e outras leituras**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995. p. 15-54.

#### **DISSERTAÇÃO:**

OLIVEIRA, Ana Flávia da Silva. **Famintos... de Carmen de Figueiredo: uma escrita subversiva à luz da crítica feminista**. 2022. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interdisciplinaridade). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022

PEDROSA, Ana Bárbara Martins. **Escritoras portuguesas e Estado Novo: as obras que a ditadura tentou apagar da vida pública**. 2017, Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2017 (inédita). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/183612/PICH0178-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 out. 2019.

#### **ARTIGO:**

NASCIMENTO, Maria Eduarda Pontes do. **Dor, luta e ascensão: a jornada feminina em Vida de mulher, de Carmen de Figueiredo**. 2023. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade estadual da Paraíba, Guarabira, 2023.

#### **PUBLICAÇÃO ON LINE – INTERNET:**

MEDEIROS, Aldinida. Quando a romancista é ativista pelos direitos humanos e feminismo: Sarah Beirão e suas protagonistas. **Revista Incomunidade**, 2021. Disponível em: <https://www.incomunidade.pt/quando-a-romancista-e-ativista-pelos-direitos-humanos-e-feminismo-sarah-beirao-e-suas-protagonistas-aldinida-medeiros/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

OLIVEIRA, Ana; MEDEIROS, Aldinida. Famintos... e as marcas da subversão na escrita de Carmen de Figueiredo. **Naus - Revista Lusófona de Estudos Culturais e**

**Comunicacionais**, N. 01, V. 06. Disponível em: <https://revistas.ponteditora.org/index.php/naus/article/view/806> . Acesso em: 28 dez. 2023.

